

PROCESSOS MORFOLÓGICOS E ENSINO

Mônica de Toledo Piza Costa Machado (UFRRJ)
monicapiza2010@hotmail.com

As recentes abordagens morfológicas têm centrado suas discussões, entre outros processos, nos limites entre a flexão e a derivação em português. As análises mais atuais evidenciam que os dois processos não são estanques, ou seja, não existem fenômenos nitidamente categorizados como flexionais ou derivacionais: o que ocorre entre esses mecanismos, na verdade, é um continuum, caracterizando, por isso, flexão/derivação como constituintes de um processo único, com variações e do tipo gradiente ou escalar. A origem deste pensamento surge a partir da linha de investigação proposta por Joan Bybee (1985). Considerando os critérios definidores de categorias tipicamente flexionais e analisando os parâmetros que caracterizam a derivação, a autora delimita propriedades diferenciadoras entre os dois processos, além de realizar uma das investigações que se mostra das mais relevantes. Inicialmente a proposta deste trabalho é demonstrar que qualquer operação morfológica pode apresentar tanto características flexionais quanto derivacionais, diferenciando-se apenas por estarem mais distantes/próximas de um dos extremos da escala, enfatizando, portanto, o caráter escalar dos processos. Além disso, o trabalho também se propõe a realizar uma checagem de como este assunto vem sendo tratado e apresentado nos livros didáticos escolares ao longo dos tempos. Em outras palavras, até que ponto as pesquisas e descobertas do âmbito da academia são efetivamente incorporadas na descrição e no ensino da língua portuguesa. Acredita-se que a contribuição acadêmica para o ensino da língua em sala de aula apresenta um ritmo pouco veloz, no que diz respeito à incorporação de novos conceitos e visões sobre a língua portuguesa e seu uso.